

# EDUARDO DA CUNHA SERRÃO E OS ANOS 60-70, NA ARQUEOLOGIA DO SUL DE PORTUGAL

---

FRANCISCO SANDE LEMOS

1. A década de setenta é um período charneira na história recente da arqueologia nacional. Nos primeiros anos da década persiste o universo institucional erguido à sombra do Estado Novo. A partir de 1974, reflectindo as mudanças que se operaram no conjunto da sociedade portuguesa, verificam-se rupturas na estrutura da arqueologia, extinguem-se organismos e criam-se novos pólos de actividade.

Em anteriores trabalhos (LEMOS 1987, 6-7; 1989, 93) evocámos o estado em que jazia a arqueologia portuguesa no final dos anos sessenta, produto de várias décadas de estagnação. O reduzido número de instituições científicas, os limitados efectivos de praticantes, as escassas verbas, constituíam dificuldades sublinhadas na própria época (ALARCÃO 1971, 7). A irregular periodicidade e o grande espaçamento dos Congressos Nacionais reflectiam profundas debilidades (I Congresso celebrado em Lisboa em 1958; II Congresso em Coimbra em 1970<sup>2</sup>; III Congresso no Porto em 1973).

Mas, nos primeiros anos de setenta, já se distinguiam sinais de mudança na arquitectura institucional e no quadro científico construído sob o arcaico regime de Salazar.

Entre os arqueólogos que contribuíram para alterar esse panorama arcaizante figurava Eduardo da Cunha Serrão, recentemente falecido em Lisboa, no mês de Abril de 1991, com a idade de 85 anos<sup>3</sup>. Economista na vida profissional, quadro superior do CTT-TLP, E.C.S. não estava ligado às entidades oficiais, ou oficiosas, que pontificavam no mundo arqueológico da capital, no

início da década de setenta. Pôde assim ser um factor de mudança.

Como forma de homenagear a sua memória vamos recordar com certo pormenor esse tempo, tentando historiar o contributo de Cunha Serrão para a reorganização das problemáticas científicas e o seu papel na emergência de uma nova geração, numa determinada conjuntura institucional.

2. A cúpula da arqueologia dessa época era a 1.<sup>a</sup> Subsecção da 2.<sup>a</sup> Secção da Junta Nacional de Educação, organismo colegial de cariz corporativista, todo poderoso, criado em 1936 e reorganizado em 1965. Além de numerosas outras prerrogativas, competia à II Subsecção apreciar os pedidos de autorização para trabalhos arqueológicos, organizar Congressos, pronunciar-se sobre processos de classificação de monumentos e sítios. Os seus pareceres eram decisivos para a atribuição dos escassos subsídios concedidos pelo Estado<sup>3</sup>.

Funcionando em estreita articulação com a Junta existia a Direcção-Geral dos Assuntos Culturais, que era por assim dizer o seu braço executivo e administrativo. Este serviço, que ficara com algumas das competências da extinta Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, tinha sido recentemente criado. A reorganização do Ministério, que abrangera a própria J.N.E. traduzia, nesta área específica, a política generalizada de reformar o aparelho do Estado – sem provocar rupturas – que teve lugar no governo de Marcelo Caetano (a célebre “Evolução na Continuidade”). Na intervenção que proferiu durante a cerimónia de abertura do III Congresso de Arqueologia (Porto 1973), o Dr. Bairrão Oleiro, Director Geral dos Assuntos Culturais e Presidente da Secção de Arqueologia da J.N.E. apresentou as linhas mestras da actividade do organismo que dirigia (OLEIRO 1973, 17-24). Entre os projectos futuros incluía-se a Carta Arqueológica de Portugal<sup>4</sup>. Destacou também a vantagem em regulamentar a actividade arqueológica, bem como a necessidade de acompanhar os trabalhos públicos com operações de salvamento, referindo expressamente o apoio concedido ao Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines e ao Estudo da Arte Rupestre do Vale do Tejo<sup>5</sup>.

Ainda no quadro da arqueologia dependente do Ministério da Educação tinha um papel relevante a Faculdade de Letras de Lisboa, onde era professor de Arqueologia uma figura que deixou uma memória de grande educação e gentileza, o doutor Fernando de Almeida.

Nessa época a Faculdade de Letras de Lisboa usufruía de grande poder institucional. O professor de Arqueologia era, por inerência, o Director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, local onde se encontravam depositadas colecções de grande valor científico<sup>6</sup>.

A influência da Faculdade estendia-se também à Associação dos Arqueólogos Portugueses, embora esta fosse uma entidade estatutariamente autónoma. A direcção era presidida por D. Fernando de Almeida. Por sua vez, era Presidente da Secção de Pré-História, que mantinha uma actividade regular e organizou as I e II Jornadas Arqueológicas da A.A.P. (Lisboa – 1969 e 1972), Farinha dos Santos, Director do Panteão Nacional e antigo assistente de

arqueologia da Faculdade.

No âmbito da tentativa marcelista de criar um ensino universitário nos territórios ditos ultramarinos, a Faculdade de Letras exercia um controlo indirecto sobre o ensino de arqueologia em Angola e Moçambique. De facto, eram licenciados em História pela Universidade de Lisboa os assistentes que ensinavam Pré-História nas Faculdades de Letras de Lourenço Marques e Sá da Bandeira.

A influência da Faculdade de Letras (através do seu antigo assistente Farinha dos Santos) estendia-se ainda a um projecto de salvamento de grande dimensão, o Centro de Estudos de Arqueologia da Gabinete de Sines, o novo pólo industrial concebido por Marcelo Caetano.

Apesar de se situar no centro de um pequeno mundo arqueológico, não se formou na Faculdade de Letras de Lisboa uma Escola de Arqueologia, seja no domínio da Pré-História, seja no campo dos estudos sobre a antiguidade clássica.

Uma das outras pedras basilares da arqueologia da época, talvez o núcleo mais activo, durante a década de sessenta e nos primeiros anos da seguinte, no sul do país, era a equipa dos Serviços Geológicos, formada por G. Zbyzewski e O. da Veiga Ferreira, elementos que possuíam uma autoridade incontestada nos estudos de Quaternário e de Pré-História (em especial na área de Paleolítico, muito embora também realizassem escavações em monumentos megalíticos bem como em povoados calcolíticos e da Idade do Bronze). Apesar de se desdobrarem em múltiplos trabalhos de campo, e de publicarem numerosos textos, a metodologia que seguiam estava desactualizada, o que limitou o valor dos resultados alcançados.

No conjunto, apesar de Lisboa desempenhar um papel dominante no quadro institucional da época e malgrado o facto de congregar o maior número de arqueólogos, a actividade que produzia era fragmentada, não obedecendo as orientações científicas claras.

Fora de Lisboa a actividade arqueológica limitava-se ao Norte, em torno de três cidades: Porto, Guimarães e Coimbra.

No Porto o Centro de Estudos Humanísticos, ligado à Faculdade de Letras, após uma fase destacada, durante a primeira metade da década de sessenta, caíra em letargia, devido ao afastamento de Domingos Pinho Brandão, nomeado Bispo Auxiliar de Leiria. Os Colóquios Portuenses de Arqueologia, organizados por aquele sacerdote (coadjuvado por Adriano Vasco Rodrigues), foram aliás as únicas reuniões científicas de alcance nacional, celebradas na década de sessenta. As actas destes colóquios, impressas com regularidade, na revista *Lucerna*, constituem documentos excepcionais. Através da sua leitura deparamos com as debilidades e limites conceptuais da arqueologia então praticada. Nos dois últimos colóquios do Porto surgiam já os primeiros jovens "tirocinantes" (como então se dizia) da Faculdade de Letras de Lisboa, cujas comunicações, apesar de introduzirem outro estilo, foram acolhidas com simpatia pelos veteranos. Mas, nos cerimoniosos debates, pontificavam as personalidades

formadas nos anos trinta e quarenta: Leonel Ribeiro, Santos Júnior, Veiga Ferreira, entre outros.

Em Guimarães, Mário Cardozo mantinha viva a ligação entre a Sociedade Martins Sarmento e a Arqueologia. Prosseguiram as escavações da Citânia de Briteiros. A *Revista de Guimarães* saía regularmente. No entanto, malgrado a numerosa bibliografia que publicou, Mário Cardozo não abriu novas perspectivas para o estudo dos povoados da Idade do Ferro.

Apenas em Coimbra se assistia a um processo profundo de renovação, na área específica dos estudos romanos. Foram retomadas as escavações de *Conimbriga* e criado um Museu Monográfico. A reunião em Coimbra do II Congresso Nacional de Arqueologia (1970) revelou o incremento de uma Escola em gestação.

3. Interessado nos estudos de Pré-História, Eduardo da Cunha Serrão, sem estar em ruptura com as entidades e figuras do pequeno universo lisboeta que referimos, mantinha-se a uma certa distância.

Detinha um compromisso com a Junta Nacional de Educação, mas ténue, na sua qualidade de delegado da mesma para o concelho de Sesimbra<sup>7</sup>.

Era sócio da Associação dos Arqueólogos e vogal da sua Secção de Pré-História, mas não exercia cargos directivos.

O único organismo oficial ou oficioso com o qual mantinha um contacto mais estreito era a Sociedade de Geografia de Lisboa, de cuja Secção de Arqueologia, fundada por Mendes Côrrea, foi Vice-Presidente. No entanto, o número de elementos que a compunham era limitado e o impacto da sua actividade reduzido<sup>8</sup>.

A circunstância de estar à margem da arqueologia oficial lisboeta não o impediu de realizar diversos trabalhos de grande impacto científico. Embora não fosse um profissional, no sentido estrito do termo, apreendera a importância da "Field Archaeology". Segundo o seu próprio testemunho tomou consciência dos problemas teóricos e técnicos da arqueologia durante uma viagem de estudo à Inglaterra, em 1952, organizada pelo British Council<sup>9</sup>. Por essa altura era director do Instituto de Londres o professor Gordon Childe (EVANS 1987, 15-19). Passada a guerra, a arqueologia inglesa atravessava uma fase de grande dinamismo, influenciada pelo ensino e prática de Mortimer Wheeler e de Gordon Childe.

Foi assim o introdutor no nosso país dos métodos preconizados pelo célebre arqueólogo inglês, aplicando pela primeira vez a técnica da quadriculagem do terreno<sup>10</sup>. Apesar de ter divulgado no I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1959) a nova metodologia, que aplicara nas escavações da necrópole de Azóia (Sesimbra), bem como nos povoados de Parede (Cascais) e Oleas (Sintra), o seu impacto no meio arqueológico nacional foi muito limitado<sup>11</sup>. A generalidade dos arqueólogos continuou a recorrer às longas valas ou poços, ou mesmo a métodos mais expeditos, com a inevitável destruição de preciosas estratigrafias, em especial nas grutas e abrigos pré-históricos. Só na década de

setenta se generalizou a quadriculagem nas sondagens e escavações dos sítios pré-históricos do nosso país. Mesmo assim, em 1973, ainda constava do programa do Colóquio Luso-Espanhol de Cultura Castreja o seguinte item: “Manhã, 10 horas; visita ao Castro de Carvalhelhos: escavação de uma casa castreja, que poderá prosseguir da parte da tarde”<sup>12</sup>. No final da década de setenta ainda havia arqueólogos que abriam valas ao longo dos muros.

Para melhor destacar a intervenção de E.C.S. vamos apontar brevemente alguns dos temas dominantes, tal como se podem deduzir das comunicações e respectivos debates nas reuniões científicas celebradas durante a década de sessenta, no nosso país.

Os estudos de paleolítico confinavam-se, no Norte, ao Asturiense, sem ultrapassar a problemática enunciada nos anos vinte pelo malgrado Rui de Serpa Pinto. No centro e sul aplicavam-se mecanicamente os quadros clássicos da Pré-História Francesa, tal como tinham sido adaptados a Portugal por Henri Breuil. Só a partir de meados dos anos setenta irão começar a ser revistas as temáticas tradicionais.

O estudo do megalitismo do Norte, apenas aflorado por Martins Sarmiento e Serpa Pinto mantinha-se em suspenso. Os numerosos conjuntos de antas e mamoa das serras de Entre Douro-e-Minho e de Trás-os-Montes teriam de aguardar pelos anos setenta para começarem a ser estudados de forma sistemática.

Os estudos da Idade do Ferro continuavam sob a dependência de dois paradigmas datáveis do século XIX. No Norte o da Cultura Castreja. No sul o da Celtização.

Descobriam-se novos sítios, faziam-se escavações, apresentavam-se comunicações, mas num universo fechado, sem ter em conta a bibliografia estrangeira publicada no post-guerra.

Nesta atmosfera a actividade de Cunha Serrão, embora espaçada, com arítmia própria do amador, distinguia-se pelas preocupações metodológicas.

Especialmente interessado no estudo do Calcolítico, fez escavações em povoados (Olelas e Parede), necrópoles (Azóia) e grutas (Lapa do Fumo).

Respeitando rigorosamente os princípios da sobreposição estratigráfica e do registo tridimensional das peças, Cunha Serrão estabeleceu uma nova periodização para a época que se estendia entre o Neolítico Final e o Bronze Final, válida para a bacia inferior do Tejo (Penínsulas de Lisboa e Setúbal). Os trabalhos de E.C.S. passaram assim a constituir um ponto de referência seguro<sup>13</sup>. Foi convidado a divulgar os resultados do seu trabalho numa prestigiada revista espanhola, a *Zephyrus*.

O seu respeito pelo rigor científico, a notoriedade internacional, valeram-lhe a hostilidade de alguns sectores oficiais da arqueologia do sul do país, designadamente de elementos dos Serviços Geológicos de Portugal, que lidavam com dados adquiridos em escavações feitas com métodos mais que sumários, construindo estratigrafias *á posteriori*, no gabinete, de acordo com teorias que professavam<sup>14</sup>.

4. Esta posição de distância em relação aos círculos “oficiais”, encaminhou naturalmente para Cunha Serrão os jovens estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa, interessados na Pré-História, leitores de autores estrangeiros, pouco dispostos a pactuar com as entidades estabelecidas, desejosos de se afirmarem como uma nova geração em ruptura com a arqueologia tradicional. Primeiro alguns estudantes dos anos sessenta. Mais tarde a geração que entrou para a Universidade no anos lectivos de 1969-70 e 1970-71.



Eduardo da Cunha Serrão, no vale do Tejo em Abril de 1977, na companhia de Manuela Martins e António Baptista.

Em Eduardo Serrão encontraram um espírito aberto, interessado em ajudar, sem pretender exercer um magistério rígido ou impôr orientações.

Dessa colaboração ficou, antes do mais, uma memória de momentos de convívio, no campo, em prospecções ou levantamentos, e das reuniões em sua casa, num primeiro andar de Campo de Ourique. Mas, para lá das memórias que se diluem com o tempo, do encontro entre E.C.S. e a geração que cursava Letras nos primórdios dos anos setenta, resultou um dos maiores projectos de salvamento realizados até hoje no nosso país: o registo e estudo da Arte Rupestre do Vale do Tejo.

Tendo participado na equipa que fez as primeiras descobertas, Eduardo Serrão aceitou encabeçar o projecto e foi um elemento activo do mesmo, a par

de fiador de um grupo de jovens desconhecidos junto das entidades oficiais que autorizaram e apoiaram os trabalhos, bem como da Fundação Calouste Gulbenkian que financiou a actividade das equipas em campo <sup>15</sup>.

Não será inútil, para melhor se entender o relacionamento de Cunha Serrão com a nova geração, recordar alguns dos nomes que formavam a equipa descobridora da Arte Rupestre do Tejo e assinalar as suas actuais funções: Vítor Oliveira Jorge (Professor Catedrático da Faculdade de Letras do Porto); Susana Jorge (Professora Associada da mesma Universidade); Maria dos Angeles Querol (Professora Catedrática da Universidade Complutense de Madrid)<sup>16</sup>.

A estes primeiros nomes, outros estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa se juntaram, no posterior desenvolvimento dos trabalhos do Vale do Tejo. Nas campanhas do Vale do Tejo participaram estudantes que iniciaram a sua prática de arqueologia em conhecidos chantiers-écoles franceses (Pincevant, Tautavel). Mas, também, outros que principiaram pelas escavações do Castro de Zambujal, sob a direcção do Instituto Arqueológico Alemão, cujo papel na formação de jovens portugueses, na década de setenta, importa não esquecer. A maioria desses estudantes são hoje profissionais de arqueologia e ocupam postos em Universidades, em Museus ou nos Serviços de Arqueologia dependentes da Secretaria de Estado da Cultura.

Todos recordam a vivacidade de Cunha Serrão, o seu bom humor, o seu interesse pela vida, a par das citações frequentes de Mortimer Wheeler e de Gordon Childe, que tinham influenciado decisivamente a maneira com interpretava os dados. E.C.S. tinha a paciência de se envolver em longos debates com os elementos da nova geração que, influenciados pelas leituras de Levy-Strauss e de Leroi-Gourhan, pugnavam por uma interpretação estruturalista dos símbolos gravados nas rochas do Vale do Tejo, enquanto ele se apoiava nos métodos de análise de Gordon Childe (a dupla corologia-cronologia).

Durante vários anos o espaçoso andar de Campo de Ourique, onde vivia E.C.S., foi quartel general de projectos de arqueologia, local de animadas discussões teóricas e metodológicas. Embora o grupo que estudava a Arte Rupestre do Tejo também dispusesse de uma sala no Museu de Belém, cedida pelo seu Director (D. Fernando de Almeida), era principalmente na casa de Cunha Serrão que se planeavam as campanhas, se organizavam os Relatórios e se discutiam acesamente as comunicações a apresentar em Colóquios ou Congressos.

É curioso verificar que a Arte Rupestre do Tejo, esse espectacular universo de símbolos, apesar de ter sido objecto de um levantamento sistemático, núcleo por núcleo, painel por painel, nunca seria divulgada de forma exaustiva. Nem a aproximação childeana preconizada por Cunha Serrão, nem o método estruturalista simbólico, energicamente defendido por Jorge Pinho Monteiro, se concretizaram. A monografia exaustiva da Arte Rupestre do Vale do Tejo continua por publicar. Os estudos parcelares e as sínteses vindas a lume, obedecem a critérios empíricos puramente arqueográficos ou sincréticos.

Seja como for o Levantamento da Arte do Tejo foi o primeiro grande salvamento arqueológico feito no nosso país, na área de impacto de barragens hidro-eléctricas. Foi também o ponto de encontro de toda uma geração, sob o patrocínio de Eduardo da Cunha Serrão, de 1972 a 1974. O texto publicado nas Actas de III Colóquio de Arqueologia, subscrito por nada menos que dez nomes, constitui um símbolo desse momento.

Aliás, nos anos posteriores ao salvamento, o Vale do Tejo, na zona de Vila Velha de Rodão, continuaria a ser palco de estudos inovadores. As escavações de Vilas Ruivas (anos setenta), primeiro, e da Foz do Enxarrique depois (anos oitenta), constituíram etapas decisivas no avanço dos estudos de paleolítico e quaternário do Sul de Portugal. Por outro lado as prospecções sistemáticas e campanhas anuais efectuadas pelo NRIA<sup>17</sup> asseguram uma linha de investigação desde logo apontada nas publicações iniciais sobre a Arte Rupestre do Vale do Tejo: o conhecimento do contexto envolvente.

“Pela sua dimensão qualitativa e quantitativa, este caso arqueológico será o mais importante dos meados deste século entre nós...” disse E.C.S. referindo-se ao estudo da arte rupestre tagana.

Mas ao lado da sua intervenção neste projecto é indispensável lembrar o apoio que proporcionou a outros jovens investigadores e equipas.

Vítor Oliveira Jorge, no texto introdutório ao I volume de Homenagem a Cunha Serrão, recordou em breves, mas elucidativas frases, o ambiente dos anos sessenta e o apoio que encontrou, bem como a colaboração conjunta na escavação da Lapa do Fumo, na Península da Arrábida. Aliás a sua casa de campo, em Sesimbra<sup>18</sup>, foi a base de prospecções realizadas por elementos de GEPP, na sequência das quais foram publicados diversos trabalhos<sup>19</sup>.

5. Caído o regime de Salazar-Caetano, no seguimento do processo de ruptura que afectou a sociedade portuguesa a partir de 1974, Cunha Serrão passou a desempenhar um papel mais proeminente na arqueologia do sul, enquanto outros nomes se apagavam com as mudanças verificadas nas instituições em que se apoiavam.

Foi Presidente da Secção de Pré-História da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1974-1987) e, depois, Presidente da Direcção (1987-1990). Passou a fazer parte da Subsecção de Arqueologia da Junta de Educação, desde 1975 até à extinção da mesma, em 1977.

Alguns dos títulos que publicou após 1974 revelam que continuou a colaborar com estudantes da Faculdade de Letras, entretanto já licenciados. Assim, por exemplo, os artigos impressos nas *Actas das III Jornadas de Arqueologia da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, editadas em 1978: “O Povoado Calcolítico Inicial do Alto do Dafundo” (em co-autoria com João Ludgero Gonçalves); “Vestígios da antiga Capela do Espírito Santo dos Mareantes em Sesimbra” (em conjunto com Vítor Serrão); “A estação Pré-Histórica da Caramujeira” (de parceria com Jorge Pinho Monteiro e Mário Varela Gomes). Ou o texto publicado em conjunto com A. M. Baptista e Manuela Martins, nos



*Madrider Miteillugen*: “Felskunst im Tejo-Val: São Simão (Nisa – Portalegre – Portugal)”. Ou, também, “Sesimbra Monumental e Artística” (com V. Serrão).

Ainda em vida recolheu a homenagem dos seus pares. A revista *Arqueologia* dedicou-lhe dois volumes. No primeiro destes, no número 17, publicado em Dezembro de 1987, foi gizada uma pequena biografia de Eduardo Serrão (JORGE 1987, 3-5) e divulgada a sua bibliografia<sup>20</sup>. Do segundo volume, impresso em Dezembro de 1988, consta uma transcrição resumida, mas incisiva, das palavras de E.C.S., proferidas durante a sessão da Associação dos Arqueólogos Portugueses em que foi homenageado, em 21 de Dezembro de 1987 (SERRÃO 1988, 2-3).

Nos próximos meses, ou anos, por certo, diversas revistas de arqueologia irão lembrar Eduardo da Cunha Serrão.

Pela sua parte, a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, em cujo corpo figuram elementos que colaboraram de perto com E.C.S., não poderia deixar de prestar homenagem à sua memória, evocando alguns episódios do seu labor e destacando o contributo de Eduardo Serrão para a história da nossa arqueologia, no quadro dos anos sessenta e setenta, no sul do país.

Num contexto em que, de novo, se tenta fixar a actividade arqueológica em absurdos esquemas burocráticos, à maneira do Estado Novo<sup>21</sup>, a figura de Eduardo Cunha Serrão demonstra que o avanço dos conhecimentos não se esgota no jogo institucional, na ciência oficial ou oficiosa, mas que depende muito das trajectórias individuais e que passa também pelos amadores.

## NOTAS

<sup>1</sup> É interessante verificar que neste Congresso o representante do Governo, Justino Mendes de Almeida (Subsecretário de Estado da Administração Escolar), apresentou uma perspectiva favorável da situação da arqueologia portuguesa, como lhe competia (MENDES DE ALMEIDA 1971, 19-23).

<sup>2</sup> Nasceria em Lisboa, em 25 de Dezembro de 1906.

<sup>3</sup> Os pareceres emitidos pelas Secções da Junta Nacional da Educação eram, na prática, deliberações pois era raro que o Ministro decidisse de forma diferente.

<sup>4</sup> Este projecto, apoiado pelo Estado e pela Fundação Calouste Gulbenkian apenas teve desenvolvimentos muito pontuais. Nos anos oitenta houve progressos significativos no campo da Carta Arqueológica graças ao esforço individual de arqueólogos, a projectos de raiz científica, ao apoio de municípios e à iniciativa dos Serviços Regionais de Arqueologia do I.P.P.C. ("premiados" com a extinção em 1990, no quadro de uma desajeitada reorganização do Instituto). No entanto, muito ainda está por fazer.

<sup>5</sup> O grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines foi criado em Junho de 1972 (C. T. SILVA & J. SOARES 1981, 11-13); o Salvamento da Arte Rupestre do Vale do Tejo principiou em 1971.

<sup>6</sup> Apesar da vastidão das suas colecções o Museu Nacional de Arqueologia não dispunha de uma estrutura técnico-científica adequada. O pessoal administrativo e auxiliar estava reduzido ao mínimo. A sala de exposição encontrava-se tal como a tinha deixado Leite de Vasconcelos.

<sup>7</sup> Os delegados concelhios da Junta eram uma espécie de olhos e ouvidos do poder central, funcionando com total independência dos municípios. Exerciam as suas funções a título gracioso, mas tinham o poder efectivo de alertar a Junta Nacional, cujos pareceres eram quase sempre deferidos pelo Ministro da tutela e assim respeitadas pelas Câmaras, que raramente se atreviam a contrariar as decisões do Governo. No entanto, muitas vezes os alertas lançados pelos delegados ficavam parados ao nível da J.N.E., quando esta instância preferia evitar conflitos com políticos influentes ou outras áreas do Governo.

<sup>8</sup> Ainda tivemos oportunidade de assistir a algumas sessões desta secção, como convidados, sem direito ao uso da palavra. Além do Presidente, o Dr. Bandeira Ferreira, e do Vice-Presidente, Eduardo da Cunha Serrão, apenas comparecia um outro vogal, o Arquitecto Gustavo Marques.

<sup>9</sup> Na época em que E.C.S. esteve em Londres era Director do Instituto de Arqueologia de Londres, o professor Gordon Childe.

<sup>10</sup> Aplicados em Portugal, pela primeira vez em 1955, na escavação do sítio pré-histórico de Parede (Cascais) (SERRÃO et alii, 1957; SERRÃO & VICENTE, 1959).

<sup>11</sup> A este respeito ver SERRÃO 1988, 2.

<sup>12</sup> Ver a página 192 do fasc. 3 do volume XVII dos *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*.

<sup>13</sup> Ver SERRÃO & MARQUES 1971.

<sup>14</sup> Um paralelo óbvio entre as metodologias seguidas por E. C. S. por um lado, e O. V. Ferreira, por outro, pode estabelecer-se a partir dos resultados dos estudos da Lapa do Fumo (escavada por Cunha Serrão) e da Lapa do Bugio (escavada por O. V. F.), grutas muito próximas. O estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo tornou-se um nível de referência utilizada pela bibliografia portuguesa e espanhola. Na Lapa do Bugio, Veiga Ferreira encontrou uma "Cultura Mista". Vários anos depois das escavações, em Setúbal, em 1972, assistimos a um debate entre os dois, a propósito do assunto.

<sup>15</sup> Do texto "Eduardo Serrão: Uma Biografia", publicado por Vitor Oliveira Jorge (1987, 3-5), reproduzimos as seguintes palavras do próprio, transcritas por V. O. J.: "O mais

importante papel que me foi possível desempenhar no caso – disse-nos E. Serrão – foi o ter assumido a responsabilidade dos trabalhos perante o Estado e a Fundação Calouste Gulbenkian, e aglutinar a numerosa equipa que se formou quando se procedeu ao salvamento dos dados. Sem ser um especialista em arte rupestre ajudei-os a abordar um primeira interpretação dos principais problemas que iam surgindo”.

<sup>16</sup> Além dos citados faziam parte da equipa que descobriu as gravuras do vale do Tejo, Jorge Pinto Monteiro (que na altura do seu falecimento prematuro em 1982 era assistente da Universidade de Évora) e o autor deste texto.

<sup>17</sup> NR1A: Núcleo Regional de Investigação Arqueológica (Vila Velha do Rodão). Edita o Boletim Alto Tejo.

<sup>18</sup> O interesse de Cunha Serrão pela arqueologia do concelho de Sesimbra concretizou-se não só numa série de escavações e estudos publicados em diversas revistas, como também na criação de um pequeno Museu de Arqueologia, inaugurado em 1960 (SERRÃO 1960; 1964) e na edição da Carta Arqueológica do Concelho, uma das primeiras cartas concelhias deste tipo publicadas no nosso país (SERRÃO 1973).

<sup>19</sup> Ver SERRÃO et alii, 1974; LEMOS & MONTEIRO 1975, pp. 25-43.

<sup>20</sup> Ver Arqueologia, 17, Porto, 1987, pp. 6-7.

<sup>21</sup> Referimo-nos concretamente a projectos de legislação regulamentadora da actividade arqueológica e à que define a carreira de arqueólogo. A primeira de inspiração totalitária e estatizante. A segunda de ridículo cariz corporativista. Ambos os projectos da autoria do Departamento de Arqueologia do ex-I.P.P.C.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

- Actas do II Colóquio Portuense de Arqueologia, *Lucerna*, 3, Porto, 1963.
- Actas do V Colóquio Portuense de Arqueologia, *Lucerna*, 2 Série, 1, Porto, 1985-1986.
- ALARCÃO, Jorge de (1971) – *Apresentação. Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, I volume, Coimbra, pp. 7-10.
- ALMEIDA, Justino Mendes de (1971) – Palavras proferidas pelo ... na Sessão Inaugural do *II Congresso Nacional de Arqueologia*, na Faculdade de Letras de Coimbra, em 28 de Setembro de 1970. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, I Volume, Coimbra, pp. 19-23.
- EVANS, J. D. (1987) – The First Half-Century-and After, *Institut of Archaeology Bulletin*, 24 (Goldon Jubilee), Londres, pp. 1-26.
- LEMOS, Francisco Sande (1987) - As Três Idades da Arqueologia Portuguesa, *Forum*, 2, Braga, pp. 5-12.
- (1989) – Arqueologia Portuguesa: Aspectos Históricos e Institucionais, *Forum*, 5, Braga, pp. 91-110.
- LEMOS, F. S. & MONTEIRO, J. P. (1975) – A propósito das indústrias de Seixos Afeioados do Concelho de Sesimbra: esboço de uma ficha analítica descritiva, *Setúbal Arqueológica*, 1, Setúbal, pp. 25-43.
- JORGE, V. O. (1987) – Eduardo Serrão: Uma Biografia, *Arqueologia*, 16, Porto, pp. 3-7.
- (1987) – Homenagem ao Doutor Eduardo da Cunha Serrão, *Arqueologia*, 16, pp. 1-2.
- OLEIRO, J. M. Bairrão (1974) – Palavras de Abertura. *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*. I Volume, Porto, pp. 17-24.
- SERRÃO, Eduardo da Cunha (1960) – *Guia do Museu Arqueológico de Sesimbra*, Câmara Municipal de Sesimbra.
- (1964) – Um pequeno Museu Arqueológico Regional, *Arqueologia e História*, 1 série, 9, Lisboa.
- (1973) – *Carta Arqueológica do Concelho de Sesimbra (Desde o Paleolítico Antigo até 1200 a.C.)*, Junta Distrital de Setúbal.
- (1988) – Resposta de Eduardo da Cunha Serrão ao discurso de Vítor Oliveira Jorge, *Arqueologia*, 18, Porto, pp. 2-3.
- SERRÃO, E. C.; JORGE, V. O.; LEMOS, F. V. & MONTEIRO, J. P. (1974) – Prospecções Arqueológicas no âmbito do Paleolítico do Concelho de Sesimbra, *Estudos Arqueológicos*, 1, Sesimbra, pp. 15-17.

- SEFO, E. C.; Baptista, A. M & Martins, M. (1978) – Felskunt im Tejo-Val: São Simão (Nisa – Portalegre – Portugal), *Madriider Mitteilungen*, 19, Heidelberg.
- SEFO, E. C. & Gonçalves, J. L. (1978) – O Povoado do Calcolítico Inicial do Alto Dafundo – Linda-a-Velha, *Actas das III Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa.
- SEFO, E. C. & Serrão, V. M. (1978) – Vestígios da antiga Capela do Espírito Santo dos Mareantes em Sesimbra, *Actas das III Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa.
- SEFO, E. C.; Monteiro, J. P. & Varela, M. V. (1978) – A estação pré-histórica da Caramujeira – Trabalhos de 1975-76, *Actas das III Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa.